

A morte e a religiosidade no imaginário popular: o cemitério como local de culto e devoções marginais

Death and religiosity in the popular imagination: Cemeteries as a place of worship and marginal devotions

MAIA, Michelle Ferreira. Milagreiros: um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929-1978). Fortaleza: Premium Gráfica e Editora, 2019. 270 p.

É possível pensar sobre a construção imaginária de devoções que estejam à margem do mundo oficial e institucionalizado das religiões, e que se manifestem nos espaços cimiteriais? Uma questão delicada sobre a qual a pesquisadora Michelle Ferreira Maia se aventura, na busca por uma resposta ou, pelo menos, por demonstrar que a pergunta merece ser apreciada com cuidado e zelo.

Michelle Maia é historiadora formada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, na cidade de Sobral. É mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará, cuja dissertação intitulada "Lembrança de Alguém: a construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras em São Benedito, Ceará" (2008), foi premiada pelo Centro de Humanidades daquela instituição. O doutoramento foi cursado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, tendo realizado intercâmbio na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris. O tema da tese resultou na obra que será analisada nesta resenha, a construção

* Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro da Associação Brasileira de Estudos Cimiteriais (ABEC). CV: <http://lattes.cnpq.br/4314225341853407>

imaginária e simbólica dos três milagreiros populares.

O livro é estruturado em três capítulos, cada um dedicado a um dos milagreiros que motivam a construção da narrativa. O capítulo 1, intitulado “Constitui Imorredora Lembrança da Passagem do Extinto pelo Mundo: Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, o médico e o santo em Crateús”, conta a história do médico assassinado no final da década de 1960, na cidade de Crateús, após desentendimento em decorrência de disputa por terras que o levava a se confrontar com desafetos. Morreu sob o ataque de enxada, pá, foice e picareta. A morte inesperada e violenta do médico, figura pública querida e estimada na cidade, causou imensa comoção entre a população. Posteriormente ao caso foi iniciado “processo de canonização popular” do morto ilustre, que é referendado e reforçado pela família, construindo uma imagem de homem bom, caridoso, benevolente, filantropo e que, ao passar pela morte violenta, tornou-se figura santificada e considerada pura. O túmulo situado no Cemitério de São Miguel passou a ser local de peregrinação. Santinhos foram produzidos pela família, criando uma ritualística ao redor da memória santificada do doutor assassinado.

O capítulo 2, denominado “O Destino na Ladeira das Pedras: Isabel Maria da Conceição, uma santa canonizada pelo próprio povo em Guaracibaba do Norte, Ceará”, narra a trágica história de uma mulher vítima do ciúme do marido, que a matou em 1929. De acordo com a autora, “Isabel Maria da Conceição era uma mulher simples pela posição social, pobre e anônima, completamente desconhecida para muitos de seus contemporâneos e permaneceria assim até a sua morte” (p. 102). Morte igualmente violenta, quando confrontada com as condições do assassinato do Dr. Olavo Cavalcante, pois foi vítima da sanha do marido ciumento que a esfaqueou e atirou de um precipício, tendo o filho pequeno assistido a tudo, antes de ser abandonado pelo pai. Reza a lenda que o primeiro milagre realizado por Isabel teria sido conduzir o filho pequeno de volta à cidade onde vivia. Os restos mortais de Isabel tiveram destino incerto, não havendo sepultura definida no cemitério da cidade. Seus devotos se constituíam especialmente do público feminino, sendo a morta considerada protetora das mulheres traídas e espancadas. O local do assassinato foi o elegido pelos devotos como ponto de visitação. Ali foi construída uma capelinha, com altar em homenagem à Isabel, sendo um lugar onde as devotas e devotos costumam deixar seus pedidos e agradecimentos por graças alcançadas.

Finalmente, o capítulo 3, que recebeu o título de “João das Pedras: o ladrão que virou santo em São Benedito”, possibilita conhecer a história de um ladrão que, após uma tentativa frustrada de roubo da qual foi vítima de choque da cerca elétrica da casa que tentara invadir, teve o corpo vilipendiado, degradado e desrespeitado por seus algozes, ao ser arrastado numa espécie de tábua de madeira até o centro da cidade. O evento se passou em 1978, na cidade de São Benedito. Segundo a autora, pouco se sabe da história de João Ferreira Gomes, mais conhecido como João das Pedras, conhecendo-se apenas que desde jovem ingressou no submundo do crime. Contudo, as narrativas locais enunciadas por seus devotos foi que João das Pedras roubava dos ricos para dar aos pobres, por meios duvidosos, merecendo o perdão pelo delito cometido (p. 163). A morte considerada trágica e violenta, bem como o suposto pedido de perdão e arrependimento do “bom ladrão” antes de falecer criou no imaginário



popular uma visão marcada pela santidade. Rapidamente, tanto o local da morte como o túmulo no Cemitério de São Benedito passaram a ser lugares votivos de deposição de velas e pedidos ao santo popular.

A autora conclui que narrar a história dos três santos populares, marcantes e bastante vivos no imaginário votivo e devocional do povo cearense, se configurou como uma oportunidade de traçar o percurso dos personagens, localizar as pistas e entender os motivos e condições que permitiram a consagração dessas devoções no campo da fé. No caso da presente resenha, avançamos na percepção das questões que associam morte violenta à santidade e local da morte como lugar de peregrinação, nos permitindo compreender como o debate acerca da finitude humana pode ser feito através da construção de devoções e do diálogo simbólico entre vivos e mortos.

Sob nosso ponto de vista, as diferentes histórias narradas apresentam pontos de similaridade. Embora tenham ocorrido em tempos e cenários diversos, não se trataram de casos isolados no campo da história cultural e religiosa, quando se pensa na propagação e construção de devoções por parte da população brasileira.

Há investigações que tomam este tema como objeto de pesquisa, especialmente para que se possa entender que o caráter inédito da pesquisa realizada pela historiadora reside no fato de ter trazido à luz experiências religiosas no contexto do Ceará. Dentre os outros estudos dedicados às devoções populares, há exemplos de santos populares, como o referente a João Relojoeiro, assassinado em Uberlândia na década de 1950; e da trágica e misteriosa morte de Maria Bueno em Curitiba, no final do século XIX, que acabou por criar o culto à memória da mártir (Alves, 2006; Correia, 2003; Freitas, 2006; Jurkevics, 2004).

Cabe aqui registrar a clássica obra de Clarival do Prado Valladares (1972) que, na década de 1970, ao realizar extensa pesquisa sobre os cemitérios brasileiros, destaca “a consagração de túmulos como locais de devoção pelos que admitem qualidades de santificação, de atributos místicos, do sepultado” e aponta para o caráter continuamente renovado da aparição e construção de devoções populares. Ainda segundo o autor, “Facínoras, pistoleiros, bandidos de assaltos covardes, prostitutas e vítimas inocentes de assassinatos e de crimes passionais são exemplos dessas devoções espontâneas nos cemitérios urbanos e rurais brasileiros” (Valladares, 1972, p. 441).

Estes fervores se consagram como parte das práticas religiosas populares, conceituadas pelo filósofo e teólogo José Carlos Pereira (2005) como devoções marginais, manifestações religiosas que ocorrem à margem do registro oficial. Esta questão é muito bem retratada no culto à cigana Sebinça Christo, personagem que habita o universo religioso entre a população em Lages/SC; bem como o santo que habita o cemitério São Francisco em Benjamin Constant/AM, conhecido como Edmundo “Pé de Ferro”, um assassino que ganhou status de milagreiro; e até a freira mineira, Irmã Benigna, que realiza milagres e arrebanha uma quantidade considerável de fiéis devotos no túmulo que já foi dela, no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte/MG (Andrade Junior, 2008; Araújo, 2009; Lima, 2013; Vieira, 2018).

É neste complexo conjunto de pesquisas, estudos e investigações que se insere a discussão proposta por Michelle Maia, analisando as trajetórias das figuras emblemáticas que



se cristalizam nas devoções ao médico, à mulher agredida e ao bom ladrão. A decisão da autora em reunir personagens tão diferentes é justificada pelas histórias de morte trágicas e pelo grande apelo popular que se concentra em torno de seus respectivos calvários, alçando-os à condição de santos, transformando o local do martírio e do sepultamento em lugares de peregrinação e de práticas votivas. Contudo, há algumas questões que, ao serem consideradas, permitem problematizar a construção argumentativa proposta pela historiadora.

Uma delas diz respeito ao marco temporal apontado no título e a lógica da estruturação dos capítulos. Na introdução considera: "O marco cronológico da pesquisa está baseado nos anos de morte: 1929, referente à morte de Isabel Maria da Conceição, e 1978, quando morreu João das Pedras" (p. 21). Contudo, a organização dos capítulos começa com a apresentação e análise da trajetória do santo médico falecido em 1969, seguida pela história da finada Isabel de 1929 para, finalmente, a de João das Pedras, em 1978.

A questão levantada não é a necessidade de se estabelecer uma narrativa cronológica, mas explicar para o leitor estas escolhas. Por qual razão falar do Dr. Olavo Cavalcante em um primeiro momento? A maneira como a devoção ao santo médico é construída e aceita o identifica como representante da elite local, contando com uma participação significativa da família e das autoridades para referendar e dar sentido ao culto à imagem sacralizada do médico assassinado. Ao dar evidência à sua história, deixando a narrativa das experiências vividas pela mulher e pelo ladrão para o segundo e o terceiro capítulo significa que a autora também referenda este lugar de prestígio e aceitação que se dá, sem resistências, à santificação popular do médico. Tanto no caso de Isabel Maria da Conceição quanto no de João das Pedras, o reconhecimento da santidade não ocorre a partir das instituições religiosas tradicionais posto que, segundo a autora, a: "Igreja Católica, de forma geral, desconsidera e reprova as práticas populares e os cultos" (p. 108). Assim, as manifestações devocionais ao Dr. Olavo Cavalcante teriam sido mais bem aceitas pelo Estado e pelas instituições religiosas locais, ao contrário do que ocorre com as outras analisadas.

Além desta questão, podemos também repensar a construção dos capítulos em blocos independentes. A análise se refere aos personagens narrados como milagreiros que se traduzem como resultantes da devoção popular, mas desenvolve uma gradação de popularidade para cada um deles, não explorando bem essa questão ao final de cada capítulo. O médico, a mulher e o ladrão, embora presentes na imaginação popular, se manifestam e são construídas de formas distintas no contexto social em que se inseriam. Cada história é narrada, portanto, como se não existisse um vínculo entre elas, faltando ao final de cada narrativa um ponto de interseção que a vincule à próxima. Esta ligação possibilitaria a compreensão durante a leitura de que há conexões entre os processos de construção de devoção popular a esses milagreiros, ainda que se trate de realidades e processos de santificação desenvolvidos em realidades diversas. A este respeito, sente-se falta de um mapa para ajudar a localizar e situar geograficamente os santos populares e sua área de atuação, embora a conjugação de imagens e texto escrito propostos no livro tenha contribuído para visualização dos perfis dos santos populares apresentados ao longo da obra.

Para concluir, consideramos que a pesquisa realizada por Michelle Maia, consubstanciada



neste livro é relevante para se pensar acerca do lugar das manifestações religiosas de cunho popular no quadro de estudos da História das religiões, assim como nos estudos sobre a morte e o morrer, e os diversos usos dos espaçamentos de sepultamento. Manifestações que se traduzem por meio de atitudes, gestos e experiências sensíveis; que se traduzem na construção da santidade milagreira que surge para além do oficial. A leitura possibilita entender as devoções populares, as devoções marginais, o imaginário popular, a religiosidade e os cemitérios como local propício para exteriorização da sensibilidade e piedade popular.

Referências Bibliográficas

ALVES, Kesia Cristina França. *O santo do purgatório. A transformação mítica do cangaceiro Jararaca em herói*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006. 125 p. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/13788/1/SantoPurgat%3%b3rioTransforma%3%a7%c3%a3o_Alves_2006.pdf> Acesso em: 13 abr. 2020

ANDRADE JUNIOR, Lourival. *Da barraca ao túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. 284 p. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/17236>> Acesso em: 13 abr. 2020

ARAÚJO, Maria da Graças Ferreira de. *Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico sobre o dia de finados*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. 122 p.

CORREIA, Iara Toscano. *João Relojoeiro: a construção de um santo no imaginário popular - Uberlândia/MG*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2003. 247 p.

FREITAS, Eliane Tânia Martins de. *Memória, cultos funerários e canonizações populares em dois cemitérios no Rio Grande do Norte*. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. 211 p.

JURKEVICS, Vera Irene. *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. 2004. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. 218 p.

LIMA, Ilza Mara. *O Cemitério como espaço devocional: um estudo sobre a devoção a Irmã Benigna*. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 381-402, jan./mar. 2013.

MAIA, Michelle Ferreira. *Lembranças de alguém: a construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2008. 227 p.

MAIA, Michelle Ferreira. *Milagreiros: um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929-1978)*. Fortaleza: Premium Gráfica e Editora, 2019. 270 p.

PEREIRA, José Carlos. *Devoções marginais: interfaces do imaginário religioso*. Porto Alegre: Zouk, 2005. 127 p.

VALLADARES, Clarival do Prado. Devoções em Cemitérios brasileiros. *In: VALLADARES, Clarival do Prado. Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros: Um estudo da arte cemiterial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igrejas e as catacumbas de ordens e confrarias até as necrópoles secularizadas*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, v. 1, 1972. p. 441-448.

VIEIRA, Pietá Graça Castro Pinto Trajano. *Como nasce um santo de cemitério? A devoção a Edmundo Pé de Ferro em Benjamin Constant – AM*. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. 158 p.

Recebido em: 20 de abril de 2020

Aprovado em: 26 de junho de 2020

